

PARTIDOS

4 MAR 1987

ANC

Lula diz que estratégia do PT passa pelo apoio ao candidato Ulysses

por Thais Bastos
 de Brasília

O Partido dos Trabalhadores (PT) fará, sempre que julgar proveitoso, alianças dentro do Congresso Constituinte, como aconteceu nesta última semana na tentativa de fazer aprovar a proposta de soberania da Constituinte sobre a atual Constituição, contida no projeto de regimento interno. "Faz parte do jogo", afirmou Luiz Inácio Lula da Silva, presidente nacional do partido e líder do PT na Câmara, acrescentando serem a esquerda do PMDB, o PDT, o PCB e o PC do B os aliados em potencial do PT na defesa dos interesses dos trabalhadores na Constituinte.

O jogo político dentro do Congresso, no entanto, apresenta dificuldades para a bancada do PT, conforme reconhece o próprio Lula. Classificando-se como um "peixe fora d'água", desafia abertamente qualquer deputado de qualquer partido a debater temas de interesse do trabalhador em comícios de rua, afirmando ter a certeza de que ganhará em todos. "Mas dentro do Congresso tenho certeza de que não ganhamos nenhum se agirmos isoladamente", confessa.

A dificuldade maior reside no fato, segundo Lula, de a grande maioria da bancada do partido ser oriunda do movimento sindical, "onde as questões e a atuação são concretas, e não uma consequência de um jogo de cintura". Na Constituinte, conforme raciocina, as posições estão muito diluídas, atuando lado a lado parlamentares com grande peso de votos com outros cuja representatividade é mínima, convivendo interesses de todos os meios, onde a esquerda é minoritária, quando no movimento sindical, apesar das distinções ideológicas, "todo sindicalista quer tirar mais do patrão para dar mais ao trabalhador", afirma.

"O partido vai ter de usar a habilidade"

Consequência disso, para o sindicalista e deputado mais votado no Brasil nas últimas eleições, é a necessidade de que o PT aja com habilidade suficiente para convencer os chamados conservadores sobre a urgência de impor à Constituinte avanços nas questões sociais.

Lula citou o nome do deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB e do Congresso Constituinte, como exemplo da necessidade do PT na busca de alianças específicas, sempre que as condições parecerem favoráveis. "Devemos aproveitar, por que não dizer, as pretensões políticas do doutor Ulysses,

para fortalecermos os interesses dos trabalhadores na Constituinte", afirmou Lula. Seu raciocínio é de que as pretensões políticas do presidente do PMDB passam pelas eleições diretas para a Presidência da República, que passam pela necessidade de convencer o povo, que por sua vez passa pela necessidade de ter propostas boas para que o povo possa ser convencido. "Portanto, tudo o que precisamos é saber trabalhar e no momento oportuno", concluiu.

Lado a lado com a habilidade política, Lula define outro tipo de trabalho imprescindível para que o PT consiga dar um tom progressista ao Congresso Constituinte: a pressão popular. "Só conquistaremos aliados se tivermos capacidade para exercer sobre o Congresso Constituinte uma forte pressão de toda a sociedade". Esta pressão, manifestada nas ruas dos grandes centros, terá como ponto final, segundo Lula, as oito comissões encarregadas de elaborar a Constituição.

"Devemos apoiar as pretensões do doutor Ulysses"

A unificação do movimento sindical em torno de propostas comuns é vital neste processo, entende Lula. Em questões como direito de greve, estabilidade no emprego, redução de jornada de trabalho ou reforma agrária, o movimento sindical não tem qualquer chance, se ficar dividido.

Para além dos muros do Congresso, Lula acredita que somente três governadores eleitos em novembro passado poderão significar apoio real às teses da classe trabalhadora: Miguel Arraes, de Pernambuco, Pedro Simon, do Rio Grande do Sul, e Waldir Pires, da Bahia.

A possível alternativa de contar com o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, ex-advogado do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, quando Lula era presidente, é descartada enfaticamente pelo sindicalista: "Almir tem hoje um perfil totalmente conservador e encontra-se em posição antagonista à dos trabalhadores". Mesmo sofrendo a apelação de responder à questão levando em conta os quinze anos de conhecimento travado com o ministro do Trabalho, Lula permaneceu na mesma posição e justificou: "Se o Almir colocasse em prática o que afirmava pensar quando era advogado do sindicato, já teria mudado a lei de greve e dado liberdade e autonomia aos sindicatos. A única pergunta que ainda me faço — confessou Lula —, é se o poder pode, de verdade, exigir uma transformação tão brutal de uma pessoa".